

How to Cite in APA: Ribeiro Lin, Davi C. (2022). Agostinho de Hipona e a redescoberta do potencial terapêutico da teologia narrativa para a saúde mental. *Cuestiones Teológicas*, 49(112), 1-18. doi: <http://doi.org/10.18566/cueteo.v49n112.a08>
Date received: 12.07.2022 / Date of acceptance: 19.09.2022

AGOSTINHO DE HIPONA E A REDESCOBERTA DO POTENCIAL TERAPÊUTICO DA TEOLOGIA NARRATIVA PARA A SAÚDE MENTAL

Augustine of Hippo and the rediscovery of the
therapeutic potential of narrative theology for mental health

Agustín de Hipona y el redescubrimiento del potencial
terapéutico de la teología narrativa para la salud mental

DAVI C. RIBEIRO LIN¹ 

Resumo

Visto que a tarefa da terapia era uma preocupação da antiguidade clássica, a filosofia helenística produziu compreensões complexas sobre o tema da doença, tratamento e saúde que inspirariam Agostinho de Hipona (354-430) a adaptar esses ideais dentro de uma estrutura teológica. *Confissões* (397-401) propõe uma experiência diante da graça divina que fomenta efeitos terapêuticos, uma proposta que busca gerar saúde e esperança para sua audiência (*Conf*10.3,4). Entretanto, durante o século XX, as *Confissões* de Agostinho foram tomadas como estudo de caso por teorias psicanalíticas e psicoterapêuticas. As fragilidades e ambiguidades narradas por Agostinho foram consideradas material biográfico para ser encaixado em conceitos da teoria psicológica ou psicopatologia. Diante da tarefa de reposicionar o diálogo entre os estudos agostinianos e estudos psicológicos, o presente artigo sugere que é necessário refazer um percurso, superando um problema metodológico a partir de um tripé:

1 Doutor em Teologia pela Katholieke Universiteit Leuven -KU Leuven-, Bélgica, e pela Faculdade Jesuíta (FAJE), Brasil. Professor no Seminário Teológico Servo de Cristo, em São Paulo, Brasil. Mestre pelo Regent College (Canadá) e psicólogo pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: davichangbh@gmail.com

primeiramente, a recuperação histórica da visão de terapia filosófica da antiguidade, situando culturalmente, historicamente e teologicamente o intento original da visão terapêutica de *Confissões*; posteriormente, um reposicionamento do diálogo interdisciplinar entre psicologia e teologia. Apesar das inadequações de leituras psicologizantes de Agostinho, ler *Confissões* em parceria com a psicologia contemporânea, permitindo a fertilização cruzada, é uma tarefa válida e necessária, como na aproximação conceitual com a Experiência Elementar em Psicologia; finalmente, a apreciação e condução de novas iniciativas interdisciplinares que não só fortaleçam a compreensão histórica ou psicológica das *Confissões* de Agostinho, mas busquem compreender, aplicar e testar empiricamente sua abordagem teológica narrativa em seus efeitos de saúde mental.

Palavras-Chave

Agostinho de Hipona; *Confissões*; Terapia; Diálogo interdisciplinar; Narrativa; Saúde mental; Experiência elementar; *Cura animarum*; Metodologia; Teografia.

Abstract

Since the task of therapy was a concern of classical antiquity, Hellenistic philosophy produced complex understandings on illness, treatment, and health that would inspire Augustine of Hippo (354-430) to adapt these ideals within a theological framework. *Confessions* (397-401) proposes an experience before divine grace that generates therapeutic effects, a proposal that fosters health and hope for his audience (*Conf.* 10.3.4). Nevertheless, during the 20th century, Augustine's *Confessions* was taken as a case study for psychoanalytic and psychotherapeutic theories. The weaknesses and ambiguities narrated by Augustine were considered case study material to be fitted into concepts of psychological theory or psychopathology. Faced with the task of reviewing the dialogue between Augustinian studies and psychological studies, this article suggests that it is necessary to retrace a path, overcoming a methodological problem through three steps: firstly, a historical recovery of late antiquity philosophical therapy, placing the original intent of *Confessions*' therapeutic vision in its cultural, historical, and theological context; secondly, a repositioning of the interdisciplinary dialogue between psychology and theology. Despite the inadequacies of Augustine's psychologizing readings, understanding *Confessions* in partnership with contemporary psychology, allowing cross-fertilization, is a valid and necessary task, as in the conceptual synergy with Elementary Experience in Psychology; thirdly, the establishment and conduct of new interdisciplinary initiatives that not only strengthen historical and psychological understanding of Augustine's *Confessions*, but seek to understand, apply and empirically test his narrative theological approach on its mental health effects.

Keywords

Augustine of Hippo; *Confessions*; Therapy; Interdisciplinary Dialogue; Narrative; Mental Health; Elementary Experience; *Cura Animarum*; Methodology; Theography.

Resumen

Dado que la tarea de la terapia era una preocupación de la antigüedad clásica, la filosofía helenística produjo interpretaciones complejas del tema de la enfermedad, el tratamiento y la salud que inspirarían a Agustín

de Hipona (354-430) a adaptar estos ideales dentro de un marco teológico. *Confesiones* (397-401) propone una experiencia ante la gracia divina que promueve efectos terapéuticos, propuesta que busca generar salud y esperanza en su público (*Conf* 10.3.4). Todavía, durante el siglo XX, las *Confesiones* de Agustín fueron tomadas como caso de estudio por las teorías psicoanalíticas y psicoterapéuticas. Las debilidades y ambigüedades narradas por Agostinho fueron consideradas material biográfico para encajar en conceptos de teoría psicológica o psicopatología. Ante la tarea de reposicionar el diálogo entre los estudios agustinianos y los estudios psicológicos, este artículo sugiere que es necesario rehacer un camino, superando un problema metodológico desde una tríada: primero, la recuperación histórica de la visión de la terapia filosófica desde la antigüedad, situando cultural, histórica y teológicamente la intención original de la visión terapéutica de las *Confesiones*; más tarde, un reposicionamiento del diálogo interdisciplinario entre psicología y teología. A pesar de las insuficiencias de las lecturas psicologizantes de Agustín, la lectura de las *Confesiones* en diálogo con la psicología contemporánea, permitiendo la fecundación cruzada, es una tarea válida y necesaria, como en el abordaje conceptual de la Experiencia Elemental en Psicología; finalmente, la apreciación y conducción de nuevas iniciativas interdisciplinarias que no solo fortalezcan la comprensión histórica o psicológica de las *Confesiones* de Agustín, sino que busquen comprender, aplicar y probar empíricamente su enfoque teológico narrativo en sus efectos sobre la salud mental.

Palabras clave

Agustín de Hipona; *Confesiones*; Terapia; Diálogo interdisciplinario; Narrativo; Salud mental; Experiencia elemental; *Cura Animarum*; Metodología; Teografía.

Introdução

Nas últimas décadas, as pesquisas sobre Agostinho de Hipona (354-430) têm buscado cada vez mais uma perspectiva interdisciplinar e ultrapassado uma abordagem exclusivamente teológica que não contempla disciplinas afins (Vessey, 2012). Um subcampo significativo nos estudos agostinianos é a relação entre Agostinho, terapia e saúde, que deve envolver não apenas a teologia, mas os campos associados da história, filosofia e psicologia. Visto que a tarefa da terapia era uma preocupação da antiguidade clássica, a filosofia helenística produziu compreensões complexas sobre o tema da doença, tratamento e saúde que inspirariam Agostinho a adaptar esses ideais dentro de uma estrutura teológica. Desde os diálogos de Cassiciacum, Agostinho discute o tema da terapia do desejo (Boone, 2016). Mais tarde, como sacerdote e bispo, a Agostinho é confiada a *cura animarum*, a cura das almas, que o leva a construir a sua teologia como um modo de vida, com implicações práticas para si e para o seu público. Sua psicagogia retórica (Kolbet, 2010) leva os ouvintes a uma compreensão mais madura de suas doenças para gerar saúde e desenvolvimento espiritual. Significativo para a visão de Agostinho é sua narrativa em *Confissões* (397-401) como um modelo de reapropriação cristã de tradições de terapia articuladas filosoficamente (Brachtendorf, 2008).

Confissões de Agostinho não é meramente uma autobiografia, mas uma teografia, uma narrativa centrada no outro de uma pessoa em relação que usa o tema da *confessio* ("abrindo as feridas do pecado", "louvando o médico"), para posicionar-se como paciente do *Christus Medicus*. Deus é o restaurador do interior de

Agostinho, *medice meus intime* (Conf. 10.3.4), o médico de sua vida íntima. Como *Confissões* foi um ato de transformação afetiva para seu escritor “despertam para ele a inteligência e o afeto humanos [...] assim agiram em mim quando as escrevia e agem quando as leio” (*Retract.* 2.6.1), Agostinho procurou provocar no leitor uma resposta orientada para a saúde, “esse recital desperta o coração do ouvinte, proibindo-o de cair no desespero” (Conf. 10.3.4). Em outras palavras, a narrativa das partes difíceis da vida de Agostinho não se destina apenas a si mesmo e à recuperação de seu coração, mas principalmente para gerar esperança e saúde ao *nosso* coração inquieto (Conf. 1.1.1). *Confissões*, para além de uma narrativa meramente autobiográfica, propõe uma experiência diante da graça divina que fomenta efeitos terapêuticos, uma proposta que busca gerar saúde e esperança para sua audiência a partir de um referencial teológico.

Embora *Confissões* considere Deus como o médico da vida interior e pretenda estimular a saúde, é notável a ausência na contemporaneidade de estudos psicológicos sistemáticos que abordem sua visão relacional de saúde-doença e efeitos terapêuticos considerando seu contexto histórico. Pelo contrário, durante o século XX, as *Confissões* de Agostinho foram tomadas como um estudo de caso para teorias psicanalíticas e psicoterapêuticas. As inadequações, fragilidades e ambiguidades narradas por Agostinho sobre sua vida pessoal têm sido consideradas como material de estudo de caso biográfico para ser encaixado em conceitos da teoria psicológica ou psicopatologia. Consequentemente, os estudos psicológicos da religião aplicados às *Confissões* de Agostinho enquadraram a narrativa dentro de uma teoria e epistemologia alheia: uma leitura que não necessariamente respeita as chaves de leitura e as pistas que o próprio Agostinho deixou sobre sua obra. Consequentemente, leituras psicológicas, majoritariamente de perspectiva psicanalítica, tendem a minimizar ou refrear elementos históricos e teológicos em uma leitura estreita que, em última análise, não se propõe a compreender *Confissões* em sua profundidade literária, filosófica, retórica, histórica e teológica.

Tais leituras reducionistas têm sido questionadas e consideradas insuficientes por diferentes acadêmicos ao longo de várias décadas, desde Paula Fredriksen (1978) no final da década de 70, quando publicou seu pertinente ensaio “Augustine and his Analysts: The Possibility of a Psychohistory” que pungentemente questionou as abordagens metodológicas de trabalhos acadêmicos anteriores. Diante desta tarefa de rever o diálogo entre os estudos agostinianos e estudos psicológicos, o presente artigo sugere que é necessário refazer um percurso. Este reencaminhamento supera um problema metodológico a partir de um tripé: primeiramente, a recuperação histórica da visão de terapia da antiguidade; posteriormente, um reposicionamento do diálogo interdisciplinar entre psicologia e teologia; finalmente, a apreciação e condução de novas iniciativas interdisciplinares que não só fortaleçam tanto a compreensão histórica quanto psicológica das *Confissões* de Agostinho, mas busquem compreender e testar empiricamente sua abordagem teológica em seus efeitos de saúde mental.

O percurso proposto considera três partes intrinsecamente conectadas: (1) uma recuperação e apreciação da compreensão de terapia e saúde na antiguidade, e portanto, uma interação entre Agostinho e terapia que tenha como ponto de partida o referencial histórico. Esta perspectiva leva em consideração a apropriação agostiniana da terapia já existente na antiguidade, buscando ressaltar o intento original da apropriação de Agostinho, com os sentidos próprios imersos na tradição filosófica e do cristianismo da antiguidade tardia. O reposicionamento do diálogo interdisciplinar (2): desde que o movimento histórico anterior seja respeitado, as descobertas atuais da psicologia podem trazer luz a partes da vida de Agostinho e informar conceitualmente o campo de estudos agostinianos com formulações que outros campos do conhecimento não analisaram com a profundidade necessária. Como exemplo de um diálogo interdisciplinar através de pontes de contato conceitual, traçamos uma convergência entre *Confissões* de Agostinho e a Experiência

Elementar em Psicologia. (3) Ao longo das últimas décadas, as pesquisas em Religião, Espiritualidade e Saúde (Religion, Spirituality and Health, RSH) ressaltaram a vinculação entre espiritualidade e saúde mental. Entretanto, muito pouco conhecimento está disponível sobre o estudo empírico de tradições teológicas específicas e seus efeitos na saúde mental. Essa lacuna de pesquisa interdisciplinar evidencia a necessidade de aprofundar pesquisas em uma determinada tradição teológica (por exemplo, agostiniana) em diálogo com novos campos de conhecimento na interface entre espiritualidade e saúde mental.

1. A recuperação da visão de terapia de agostinho

Quem, chamado por ti, seguiu a tua voz e evitou as faltas, de cuja confissão e relato toma conhecimento nestas páginas, não se ria de mim, doente que fui curado por aquele médico, a quem ele próprio deve o fato de não ter caído doente, ou de ter sido menos doente do que eu (*Conf. 2.7.15*).

Diante de um esforço de recuperar a visão terapêutica das *Confissões* e uma perspectiva agostiniana sobre terapia e saúde em seu contexto original, pesquisas recentes readquiriram um referencial histórico a partir do contexto cultural da antiguidade, discutindo sobre como Agostinho se apropriou e modificou antigas propostas terapêuticas filosóficas clássicas em ideais cristãos. Mark Boone (2016) enfatizou a terapia do desejo dentro dos diálogos de Cassiciacum, Paul Kolbet (2010) a psicagogia retórica nos sermões e Johannes Brachtendorf (2008) evidenciou como a abordagem teológica de Agostinho à filosofia combinou e transformou os ideais filosóficos terapêuticos.

A filosofia antiga é melhor compreendida como uma escolha por um caminho filosófico vivido, não como um prolongamento do pensamento abstrato, mas seu ponto de partida, interligada a uma visão integral de certo modo de existir. Pierre Hadot (2002) apontou que, no mundo antigo, filosofia se vinculava à eleição de um caminho de vida convergente que integrasse discurso filosófico teórico com uma perspectiva prática-existencial. O discurso filosófico na antiguidade justificava uma perspectiva existencial, realizada em comunidade, orientada por uma escola em direção a um ideal de felicidade e exigia uma conversão do ser como preparação para a sabedoria.

A terapia pressupõe diagnóstico: na ética helenística e nas escolas filosóficas, a doença da alma estava na atitude interna que buscava a felicidade em lugares errados. A fim de alcançar o bem maior, a alma deveria ser libertada de sua má compreensão do valor das coisas. Essa tarefa foi realizada por um filósofo que também deveria considerar-se um médico da alma. De acordo com Johannes Brachtendorf (2008), sua tarefa era tanto aumentar no paciente o conhecimento de sua doença quanto desenvolver métodos terapêuticos pelos quais um homem se tornasse consciente de sua doença e fosse levado a uma vida feliz (p. 20-25). A filosofia era convocada ser psicagogia, sabedoria teórica integrada a um modo de vida prático como proposta terapêutica.

A psicagogia também foi apropriada por judeus helenísticos e apologistas cristãos antes de Agostinho, que estavam interessados em desenvolver uma integração da tradição judaico-cristã com os ensinamentos da filosofia helenística. Com a expansão da fé cristã em uma perspectiva teologicamente articulada sobre a vida feliz, teólogos dos primeiros séculos validaram o ideal filosófico da terapia e se apropriaram dele dentro da tradição cristã. Na interação entre a herança greco-romana e a tradição judaico-cristã, os filósofos

crístãos adotaram para sua perspectiva as práticas da filosofia helenística e as adaptaram afirmando a fé cristã como a verdadeira *philosophia*.

Confissões de Agostinho se insere dentro da tradição filosófica da antiguidade que busca um caminho para a felicidade e considera a terapia da alma como uma de suas principais tarefas. Através de Agostinho, o cristianismo toma para si a perspectiva da terapia da alma que costumava estar no âmbito do helenismo. Sua consequência é que Agostinho cristianiza o conceito de terapia, vinculando-o ao próprio Cristo que, conforme descrito nos evangelhos, já havia descrito sua missão como um médico que veio para curar os enfermos. Como síntese da filosofia antiga e da compreensão teológica, a confissão agostiniana visa a vida feliz a partir da perspectiva de cura da alma no contexto da antiguidade; no entanto, para Agostinho, ela tem propriedades terapêuticas enquanto *cura animarum* inserida em uma narrativa propriamente cristã.

A perspectiva das *Confissões* adapta e subverte a abordagem clássica da terapia ao propor uma confissão relacional, na qual Agostinho não é o personagem principal de sua própria história. *Confissões* enfatizam as limitações de Agostinho ao autoconhecimento, e ao fazê-lo, apontam para a insuficiência da sabedoria humana no alcance autônomo da felicidade. Agostinho reverte a abordagem socrática do “conhece-te a ti mesmo”, ao afirmar que “existe, porém, algo no homem que nem sequer seu espírito conhece. Mas tu, Senhor, que o criaste, tudo conheces” (*Conf.* 10.5.7). “Conhecer-me e conhecer-te”, ou “*Noverim me, noverim te*” (*Sol.* 2.1.1) sugere que o conhecimento de Deus e o autoconhecimento se vinculam conjuntamente na dimensão interior do coração. “Confessarei, pois, o que sei de mim; e confessarei também o que de mim ignoro, pois o que sei de mim, eu o conheço graças à tua luz” (*Conf.* 10.5.7). Um ser humano não pode descobrir quem ele é: o mistério que o ser humano é para si mesmo, ao mesmo tempo que mostra que ignora seu próprio estado ontológico, revela a busca que cada pessoa humana é obrigada a lançar luz (Pieretti, 1998, p. 334). É na relação, no vínculo e através da pertença, que o conhecimento de si e do outro encontra seu espaço, um duplo conhecimento. Agostinho percebeu que o autoconhecimento amadurece à luz de conhecer uma alteridade, e não na vivência solitária de autodescoberta.

Apesar de reconhecer o limite do conhecimento humano sobre si mesmo, Agostinho não abandona a busca de conhecimento sobre a vida interior, mas encontra sua resposta quando em rendição, à presença de seu médico interior que compreende sua vida melhor do que ele mesmo. É justamente porque a narrativa de Agostinho exigia uma solução fora de suas competências, para além do conhecimento autocentrado e da retórica comercializada de seu tempo, que os limites da busca humana por uma vida sábia são destacados e a terapia helenística transformada em uma confissão relacional. O caminho da humildade é aberto a partir da vulnerabilidade, no conhecer a si mesmo à luz de conhecer uma alteridade.

Reconhecendo sua distância ontológica do Criador, a vida de Agostinho é retratada como uma criatura necessitada de cura divina; Deus, por sua vez, busca a humanidade de forma misteriosa, mas ativa, e sua graça, através da humildade de Cristo, cura as feridas dos seres humanos, que carregam sua mortalidade como testemunho de seu pecado (*Conf.* 1.1.1). *Confissões* de Agostinho persegue uma linguagem relacional para captar o movimento e a beleza dessa relação de criador-criatura, tão distante na natureza dos seres, mas ao mesmo tempo tão próxima no amor, pela humilde encarnação de Cristo que convida o ser humano a curvar-se.

A perspectiva confessional de Agostinho transmite não apenas uma linguagem que reconhece o pecado e o louvor de Deus, mas também uma perspectiva terapêutica. Em consonância com o duplo sentido da *confessio*, confissão de pecado (*peccati*) e confissão de louvor (*laudis*), Deus é representado como o médico

onisciente. Agostinho se posiciona intencionalmente através da arte retórica como o paciente doente que anseia por uma nova união e transformação: "quando estiver unido a ti com todo o meu ser, não mais sentirei dor ou cansaço. Minha vida será verdadeiramente vida, toda plena de ti. Alivias aqueles a quem plenamente satisfazes. Não estando ainda repleto de ti, sou um peso para mim mesmo [...] vê que não escondo minhas chagas. Tu és o médico, eu sou o enfermo. Tu és misericordioso, e eu sou miserável" (*Conf.* 10.28.39).

No livro 10, mesmo sendo cristão católico batizado, Agostinho intencionalmente não esconde suas feridas, pois elas aprofundaram em sua audiência a espiral ascendente de confissão de louvor ao seu médico. Como o dia e a noite são partes correspondentes de um mesmo movimento da vida, *confessio* também funciona dentro do padrão de duplos, face e contraface que expressam a mesma realidade relacional. Confissão de louvor e miséria são aspectos mutuamente dependentes que se complementam para descobrir a mesma verdade, um movimento que inclui o duplo padrão de confissão de doença e confissão de louvor e gratidão pelo tratamento recebido. O reconhecimento do pecado ressalta a necessidade da graça; a atitude graciosa de Deus revela a profundidade da doença da humanidade e reforça a dependência do dom de Deus.

O paciente também é chamado a participar do processo de cura, mesmo sem possuir o conhecimento completo sobre seu diagnóstico ou sendo incapaz de aplicar em si mesmo o medicamento. Nas *Confissões*, o paciente de Hipona é chamado a abrir o conhecimento limitado que tem sobre suas dores e sintomas. A confissão é uma forma de narrar as próprias fraquezas expondo o conhecimento parcial de sua doença com vistas à intervenção médica. Agostinho concebe que a humanidade poderia perder de vista a salvação divina ao abandonar a realidade de reconhecer-se como uma humanidade caída responsável perante Deus. Aqueles que não reconhecem de seus próprios amores desordenados e pecados não dão espaço para o quebrantamento que transforma o orgulho. Agostinho estava ciente de que palavras não apenas informam, mas moldam a direção do tratamento: o reconhecimento e o arrependimento são os primeiros passos para a recuperação.

Tendo presente a grande propensão ao auto-engrandecimento e o orgulho que distancia as criaturas do seu Criador, Agostinho lembra-nos que os indivíduos não são chamados ao seu próprio sucesso, mas à fidelidade pactual a Deus e ao próximo e, em última análise, a espelhar um caminho de conversão de vidas egocêntricas para se tornarem pessoas em relação. Aqueles que afirmam que Cristo é o verdadeiro humano e *vero medicus* da condição humana, são convidados como companheiros a compartilhar o que acontece em torno da presença do outro. Uma vez que o que acontece ao redor do *Medicus* é salvação, cura e libertação, os seres humanos são convocados a não darem muita importância a seus fracassos ou realizações, mas sintonizarem corações à postura de serem receptivos, prontos para um diálogo, buscando um encontro.

Confessio se insere portanto, em uma atitude existencial traspassada por uma radical esperança: embora feridas estejam presentes na história de alguém, a possibilidade de responder ao um outro que me corresponde e me conhece mais do que conheço a mim mesmo dá a cada ser humano o espaço para encontrar esperança em uma relação de acolhimento gracioso à vulnerabilidade humana. As feridas e cicatrizes não são a última palavra em histórias despedaçadas; em última análise, a vida ressuscitada oferecida por meio da encarnação, morte e ressurreição de Jesus anuncia que toda vida pode participar de ressurreições vinculadas ao Cristo que proporcionam novos começos. A história de Agostinho é um testemunho da ação terapêutica de Deus por meio da Palavra que vivifica, e carrega um convite para que seus leitores reconsiderem sua própria experiência a partir de uma mesma jornada em direção à graça divina.

2. Uma revisão do diálogo: psicologia e a herança da terapia teológica

As leituras psicológicas das *Confissões* herdadas do século XX tendem a impor grades teóricas e interpretativas, não fazendo justiça aos propósitos do próprio Agostinho como escritor, impondo-lhe conceitos psicológicos alheios para sustentar sua própria teoria. As primeiras obras que sugerem uma interpretação patológica da relação de Agostinho com uma mãe dominadora estão logo após os primeiros anos da publicação da obra Freudiana intitulada *O futuro de uma ilusão*, publicada em 1927. No ano seguinte, em 1928, o artigo de E. R. Dodds “Augustine’s *Confessions*: A study of Spiritual Maladjustment”, ou “As *Confissões* de Agostinho: um estudo do desajustamento espiritual” propôs conceitos psicanalíticos para explicar a vida de Agostinho com ênfase no complexo de Édipo por meio da relação particular de Agostinho com Mônica. Posteriormente, Rebecca West (1934) escreveu uma biografia sobre Agostinho com orientação psicanalítica. Seu trabalho enfatizou o triângulo edípico, tendo em Mônica o lado castrador cristão e no pai pagão, Patrício, o receptor do ódio e da animosidade do filho. Paul Archembault (1990, p. 87) capta ironicamente a dissonância entre esta interpretação e o próprio texto de Agostinho, afirmando que o leitor das *Confissões* fica imaginando qual anseio fervilhante de ressentimento edípico e impulsos parricidas reprimidos ele não conseguiu compreender ao ler as poucas linhas em que Agostinho menciona seu pai.

Em sua revisão bibliográfica de leituras psico-históricas de Agostinho no século XX, Sandra Lee Dixon sugere que os estudos psicanalíticos dos anos 50, 60 e 70 tendiam a se adequar às *Confissões* de Agostinho para confirmar a teoria psicopatológica de sua escolha. Dixon apropriadamente aponta que essas obras são abundantes em ideias freudianas, mas raramente citou Freud e não fez referência cuidadosa a seus textos. Consequentemente, esta abordagem que impõe a grade teórico-especulativa da metapsicologia freudiana ao texto agostiniano tem sido criticada ao longo dos anos tanto por psicanalistas quanto por estudiosos da patrística. Psicanálise sem exatidão freudiana e *Confissões* sem Agostinho: essas inclinações foram encontradas carentes de exatidão e abundantes em anacronismos (Dixon, 2013, p. 23).

O impulso para interpretar Agostinho dentro dos conceitos psicanalíticos cresceu ainda mais a partir da segunda metade dos anos 50, visto que os textos dessas décadas abundam em psicopatologização. Walter Langer, ex-presidente da American Historical Association, incentivou os historiadores de sua geração a adotarem a psicanálise como ferramenta hermenêutica para interpretar autores da antiguidade. (Archembault, 1990, p. 87). Seguindo a mesma direção, Charles Kligerman (1957, p. 469-484) reduziu a vida subjetiva de Agostinho para se adequar às estruturas psicanalíticas, uma leitura que esvazia a precisão histórica contextual visando combinar a biografia de Agostinho com sua teoria psicanalítica. Kligerman considerava que Agostinho era o estudo de caso perfeito a ser estudado, pois seu texto lhe parecia um exemplo de associação livre em moldes psicanalíticos. As revelações patológicas supostamente abundavam, incluindo a descrição de um passado marcado por uma sexualidade compulsiva, um comportamento infantil inapropriado e o abandono de exercer uma sexualidade plenamente masculina. Significativa também é considerar a descrição feita por James Dittes (1965, p. 135), por quem Agostinho foi retratado como confinado e escravizado por uma mãe governante. Sua busca religiosa era compreendida como uma projeção dependente daquela relação controladora.² O estudo de Dittes, todavia, desconsidera o contexto

2 “Augustine submitted. He surrendered to his mother, and to her church and to her wishes. He abandoned masculine sexuality. He abandoned all active personal striving, including his vocational roles and aspirations. He abandoned those things which his father particularly endorsed and represented. He abandoned, in short, the effort to be a father.

histórico das relações familiares e a fidelidade à ancestralidade no norte da África no fim do Império Romano. Qual o caminho possível para que norte-americanos brancos do meio do século XX rejeitassem seu etnocentrismo ao estudar um africano da antiguidade tardia, alheio a sua própria cultura, afastando-se suas grades interpretativas (ou pelo menos sendo consciente delas) para entrar em um mundo do outro?

Paula Fredriksen apontou que esses estudos se revelaram problemáticos, pois o material da antiguidade tardia era relido com o objetivo de encaixar um discurso antigo em um arcabouço teórico atual, à medida que os julgamentos contemporâneos são emitidos sobre a natureza da libido de Mônica e o neuroticismo de Agostinho. Mônica é vista como uma influência controladora da sexualidade de seu filho, com vistas a um enquadramento na teoria; em última análise, “eles esquecem que o escritor é Agostinho, não Freud” (Fredriksen, 1978, p. 209-210). Na visão reduzida de Kligerman, Patrício, seu pai, é visto como a representação do paganismo. O pai de Agostinho é retratado buscando influenciar seu filho a se tornar pagão como ele, estabelecendo uma leitura anacrônica fundamentada em um argumento que não encontra evidências no texto das *Confissões*. A tentativa de direcionamento e influência na formação religiosa de Agostinho se concentra na ambição de Mônica e não na de Patrício. Se por um lado sua diretiva mãe derrama lágrimas na busca que Agostinho se tornasse cristão, nas *Confissões* o movimento de Patrício em oposição ao cristianismo é inexistente. O pai de Agostinho a esse respeito está, notavelmente, ausente. Agostinho foi catecúmeno em sua infância e o próprio Patrício se torna cristão mais tarde na vida.

A conclusão de Paula Fredriksen é que as leituras psico-históricas fundamentadas na metapsicologia freudiana demonstraram desconhecimento do período histórico da antiguidade tardia. Consequentemente, o percurso metodológico gerou conclusões precipitadas, que enquadram e rotulam, mas não necessariamente esclarecem. Ao invés de estabelecer uma interpretação precisa comparada com os dados históricos, eles podem levar a conclusões arbitrárias. Por causa da inépcia histórica, Paula Fredriksen sugeriu o caminho das primeiras coisas primeiro: “estabelecer Agostinho em seu período primeiro e depois aplicar modelos interpretativos” (1978, p. 214).

Diante da imposição de lentes alheias à própria estrutura proposta pelas *Confissões*, novas leituras são necessárias em um movimento de afastamento de tal posição metodológica. A inadequação de leituras interpretativas psicanalíticas e psicoterapêuticas destaca o mandato de abandonar a psicopatologização de personagens antigos. A tarefa de ouvir textos antigos complexos, como as *Confissões*, exige atenção e humildade, além de uma cuidadosa pesquisa histórica, elementos que as leituras psicológicas tendem a ignorar. Na busca de encontrar a doença “adequada” que se encaixa na teoria, Agostinho torna-se um paciente sem vida dissecado pela psicopatologia. Tal incompreensão exige uma postura que evite conceituações rápidas e interpretações anacrônicas.

Instead he became an obedient son.” James E. Dittes, “Continuities Between the Life and Thought of Augustine,” *Journal for the Scientific Study of Religion* 5, no. 1 (1965): 135.

2.1 A metodologia de pontes de contato: O Cor Agostiniano e a Experiência Elementar em Psicologia

A tarefa de ouvir propriamente a perspectiva de Agostinho diante das limitações metodológicas da relação entre psicologia e teologia reconhece a necessidade de atualizar a perspectiva Agostiniana sobre terapia e saúde no século XXI. Durante minha pesquisa doutoral, reconhecendo a necessidade de uma abordagem mais dialógica entre as *Confissões* de Agostinho e a psicologia contemporânea, buscamos pontes de contato e aproximações conceituais entre a perspectiva terapêutica das *Confissões* e a Experiência Elementar em Psicologia (EEP), formulada pelo psicólogo e fenomenólogo Miguel Mahfoud, da Universidade Federal de Minas Gerais, no Brasil. O trabalho de Experiência Elementar em Psicologia constitui-se em uma fertilização interdisciplinar: o conceito de experiência elementar é trazido para dentro do trabalho psicológico e amplia o sentido de “experiência” utilizado pelo campo. Como Mahfoud expressou, “com a antropologia de Giussani queremos aprender a reconhecer a essência da experiência para ver o dinamismo humano em ação e identificar as consequências para o trabalho psicológico” (Mahfoud, 2012, p. 31).

Mahfoud reconheceu na antropologia filosófica e teológica do sacerdote católico italiano Luigi Giussani (1922-2005) uma possibilidade de diálogo com a fenomenologia e trouxe suas implicações para fertilizar a psicologia. Na obra de Mahfoud, o livro de Giussani *O senso religioso* foi estudado através das lentes da síntese entre a psicologia fenomenológica e a antropologia filosófica. A Experiência Elementar em Psicologia busca reconhecer o autêntico dinamismo do centro interior humano para despertar os aspectos elementares e significativos da experiência, e o faz tendo como fundamento o seguimento dos passos metodológicos de Giussani para compreensão do movimento experiencial humano, retomando as premissas sobre realismo, razoabilidade e moralidade e suas explicações sobre seus reducionismos e esvaziamentos descritos na versão final e revisada de *O Senso Religioso* (Giussani, 2009). A EEP visa também resgatar a centralidade da pessoa que vivencia a experiência em sua relação com o mundo, pois “a própria experiência fornece critérios de avaliação que permitam chegar a juízos pessoais a respeito da correspondência entre tudo o que o sujeito encontra no mundo e na história, e os anseios que constituem sua própria pessoa” (Mahfoud, 2012, p. 32).

Experiência elementar, segundo Giussani, se refere ao “ímpeto original com o qual o ser humano se lança na realidade procurando identificar-se com ela por meio da realização de um projeto que imprima à própria realidade a imagem ideal que o estimula interiormente” (2009, p. 27). O conceito de experiência elementar assemelha-se ao *cor* bíblico e agostiniano, posto que, ainda que o produto de uma articulação original do século XX, sua perspectiva se aproxima do *cor inquietum* de Agostinho,

Trata-se de um conjunto de exigências e evidências com as quais o homem é lançado no confronto com tudo o que existe. [...] A elas podem ser dados muitos nomes, através de diversas expressões, como: exigência de felicidade, exigência de verdade, exigência de justiça, etc. Seja como for, são como uma centelha que põe em ação o motor humano; antes delas não ocorre nenhum movimento, nenhuma dinâmica humana. Qualquer afirmação de uma pessoa, desde a mais banal e cotidiana até a mais ponderada e plena de consequências, só pode ser feita tendo por base esse núcleo de evidências e exigências originais (Giussani, 2009, p. 24-25).

Há de se reconhecer uma correspondência na descrição do coração: ambos consideram *cor* o centro relacional interior que é imanentemente marcado pela transcendência, que coloca o coração em movimento dinâmico em uma busca experiencial-existencial. Se a ideia de um dinamismo do coração (*cor*) está

presente desde o início de *Confissões* (ver Dupont & Walraet, 2015, p. 45-77), a dimensão teleológica do coração como o centro da pessoa é significativa como termo conceitual a ser discutido na perspectiva da Experiência Elementar em Psicologia, visto que associam experiência elementar e coração, “a experiência elementar caracteriza-se por uma irresistível inquietação que se move em busca de respostas cada vez mais satisfatórias, porque o desejo humano tende ao infinito, considerando, portanto, sempre provisória e apenas momentaneamente adequada, a resposta encontrada” (Petrini, 2012, p. 17-18).

Apoiar essa afirmação do coração como o centro da pessoa em direção à transcendência abre caminho para afirmar que uma antropologia agostiniana e uma abordagem contemporânea da psicologia fenomenológica como a EEP podem se apoiar mutuamente para reconstruir uma aclaração mais ampla do dinamismo experiencial. Ao mesmo tempo em que resiste à harmonização completa, sua sinergia, por meio de sua interação e cooperação, produz uma compreensão maior sobre a natureza do desejo do coração do que a soma de suas ideias separadas. Consequentemente, como a teologia patrística e as *Confissões* de Agostinho transmitiram uma concepção elaborada de terapia da alma séculos antes da psicologia se tornar ciência, a relação entre a psicologia e outros campos não é necessariamente uma história de conflito inevitável, mas pode se abrir para um diálogo interdisciplinar de cooperação e enriquecimento mútuo.

3. Narrativas do sagrado: escrevendo teografias

Ao longo dos últimos 30 anos, as pesquisas científicas em Religião, Espiritualidade e Saúde (*Religion, Spirituality and Health*, RSH) estabeleceram firmemente a conexão entre espiritualidade e saúde mental, criando condições favoráveis para o diálogo interdisciplinar e verificação empírica. Os sistemas religiosos fornecem significado para a doença (Park, 2007), promovem enfrentamento positivo (Pargament, 1997) e menor angústia (Koenig, 2001). No entanto, a compreensão de como essas peças se traduzem em saúde ainda é um desafio. Uma lacuna de pesquisa a ser abordada na pesquisa de RSH é o impacto de perspectivas teológicas específicas sobre a saúde, considerada uma área rica, mas ainda inexplorada (Park 2007). Teologias não são teorias abstratas, mas propõem conexões com a prática e fomentam um percurso experiencial, compressões que influenciam interpretações do sofrimento, gerando consequências existenciais e efeitos na saúde mental. Essa lacuna de pesquisa evidencia a necessidade de aprofundar pesquisas em uma determinada tradição teológica (por exemplo, agostiniana) em diálogo com esse campo.

A colaboração interdisciplinar dialógica em RSH pode ser enriquecida pelo modelo de “meaning making” ou construção de sentido. Desenvolvido para integrar as principais vertentes da teoria e da pesquisa, meaning making aponta que existem duas peças fundamentais de sentido, global e situacional (Park, 2010). O sentido global é a estrutura abrangente de crenças e objetivos, uma visão de mundo para estruturar a vida e um senso de significado na vida. Além disso, o sentido situacional refere-se à atribuição de significado a experiências particulares. De particular importância é a conexão intrínseca entre fazer sentido e elaborar narrativas de vida, pois as histórias configuram eventos dispersos em um todo coerente, uma “construção de significado narrativo” (Iris Hartog et al. 2020) e “integração narrativa” de eventos de vida (Scherer-Rath, 2014). Como as histórias constituem vicissitudes da intenção humana organizadas no tempo, elas formam identidades narrativas (Ricoeur, 1984). As narrativas de vida estruturam a reinterpretação da experiência, organizam a memória e reavaliam eventos negativos e angustiantes (Bruner, 2004).

Desde os anos 90, um crescente corpo de literatura refletiu um entusiasmo sobre uma intervenção terapêutica a partir da escrita (Pennebaker e Chung, 2011), devido às suas vantagens pragmáticas (tempo eficiente, baixo custo, terapia online) e ampla informação para rastrear a mudança terapêutica (Cummings et al., 2014). A pesquisa atual demonstra que, ao colocar ênfase nas palavras (Pennebaker, 1993), os indivíduos dão significado aos eventos e mudam a forma como os eventos perturbadores são representados na memória e na consciência. Para integrar o significado em uma narrativa, a revelação da emoção negativa é uma condição para a escrita terapêutica eficaz, pois o enfrentamento de eventos emocionalmente perturbadores está associado à melhora da saúde física e psicológica (Pennebaker, 1993). No entanto, os resultados da pesquisa não apoiaram a eficácia da escrita expressiva breve e autodirigida como uma intervenção, como em sintomas depressivos com graus variados de estresse psicológico (Reinhold, Bürkner e Holling, 2018). Os benefícios para a saúde na escrita expressiva foram mistos, destacando a falta de foco sistemático do campo e a fraca fundamentação teórica (Sloan e Marx, 2018). A revisão da literatura mostrou que os efeitos da escrita expressiva são aumentados quando combinados com outras intervenções (Reinhold, Bürkner e Holling, 2018). Estes resultados sugerem que os estudos na área devem integrar uma abordagem narrativa à terapia escrita, pois as descobertas anteriores de Pennebaker concluíram que os benefícios da escrita terapêutica estavam relacionados à formação de uma história coerente do evento, integrando a experiência no contexto de outras memórias na linguagem escrita terapêutica (1993).

3.1 Agostinho e a escrita terapêutica

Em seu nível fundamental, a fé cristã e as *Confissões* de Agostinho têm uma estrutura narrativa densa que convida pessoas em uma jornada espiritual a considerarem a escrita de teografias, uma narrativa centrada na graça ser divino e não em si mesmo, como modelo para a narração da própria história de vida. O legado das *Confissões* de Agostinho foi tomado como modelo e referência para praticamente todas as biografias desde a antiguidade tardia até a alta Idade Média (Turner, 2013). A história respondeu a Agostinho espelhando ou se opondo ao seu modo de narrar a si mesmo, seja por semelhança, seja por oposição, como na modernidade, nas *Confissões* auto-centradas de J. J. Rousseau.

Apesar de *Confissões* ser uma referência específica de uma apropriação narrativa da tradição cristã dentro da antiguidade tardia do fim do Império Romano, *Confissões* carrega um caráter universal como biografia espiritual paradigmática. Agostinho vai tecendo a sua vida à luz da narrativa maior das Escrituras, lançando a pequena história pessoal como um exemplo da obra redentora de Deus, sua própria busca como um espelho de todas as nossas jornadas de vida. Afinal, Agostinho não só rouba peras (*Conf.* 2.6.12) ou foge para Cartago (*Conf.* 4.7.12): ele é um homem caído que herda e exemplifica a queda adâmica no jardim, ou o filho pródigo fugindo para amores vazios e longe de sua verdadeira pátria. Uma narrativa confessional faz sentido como parte de uma narrativa maior de criação, redenção e consumação da presença ativa de Deus na história.

Reescrever a narrativa de alguém se alinha terapêuticamente com o que Agostinho havia intuído (*Retract.* 2.6.1), que a escrita é uma técnica poderosa para reconstruir uma situação estressante ou evento traumático da vida. À medida que Agostinho tece os acontecimentos biográficos em um nível teológico de significado, ele experimenta um aumento na consciência da graça, “tu nos havia traspassado o coração com as flechas de seu amor, e trazíamos suas palavras dentro de nossas entranhas” (*Conf.* 9.2.3), que realiza uma transformação subjetiva. Sua conversão é um percurso, uma peregrinação, algo que pode ser narrado, uma história que pode ser contada. Mas, pela maneira como Agostinho reconta, ele intencionalmente

reposiciona sua história pessoal à luz da grande história salvífica de Deus, conforme descrita nas Escrituras. Na visão de Agostinho, ao aceitar a graça do Outro/outros, estabelece-se uma peregrinação de uma vida egocêntrica para uma integração relacional do eu.

As *Confissões* também podem ser descritas como a renovação de um homem de meia-idade fragmentado através da expressão de suas emoções, em uma reavaliação de eventos passados, à luz da narrativa maior das Escrituras, lançando sua pequena história como exemplo de redenção divina. Sua narrativa está enquadrada no quadro bíblico mais amplo, como colocar-se como o filho pródigo fugindo para amores vazios e longe de sua terra natal (*Conf.* 4.7.12). A reconstrução do sentido está sempre presente na medida em que Agostinho abre sem rodeios seus afetos conflitantes, não expondo analiticamente para que a sistematização racional entre na cabeça do leitor, mas escrevendo afetivamente e apaixonadamente para que seu “discurso polifônico” (Clark, 1993) possa mover afetos e impactar seus leitores. *Confissões* e sua linguagem performativa não se destina apenas à restauração do próprio Agostinho, mas visa ser seguida e revivida por seu público.

Seguindo a visão de Agostinho de escrever *Confissões* com a intenção de transmitir esperança em meio à angústia para seu público mais amplo, minha tese doutoral argumentou que a visão de Agostinho tem o potencial de se tornar um recurso terapêutico nas sociedades do século XXI. Não testou, no entanto, sua aplicabilidade por meio de uma metodologia que tornasse essa visão uma intervenção prática concreta. Considerando que os avanços na pesquisa de RSH, construção de sentido e escrita terapêutica criaram um contexto propício para o diálogo interdisciplinar com os estudos agostinianos, um novo projeto de pesquisa e intervenção foi elaborado, intitulado “Teografia como *Cura Animarum: Confissões* de Agostinho como construção de sentido narrativo para a saúde mental”.³

Esta pesquisa, como continuação da visão apresentada neste trabalho, visa verificar os efeitos da teologia de Agostinho relacionados à saúde mental por meio de um modelo de escrita narrativa empírica, que é interdisciplinar em seu conceito, fomenta a construção de sentido para gerar histórias redentoras e pode ser avaliada em seus resultados de saúde. Este estudo de longo prazo resultará em (I) reconstrução crítica da teologia das *Confissões* em diálogo com a pesquisa psicológica (II) compreensão do processo pedagógico que estimula narrativas terapêuticas entre culturas (III) resultados transculturais na construção de sentido narrativo e saúde mental. Em suma, com base na narrativa das *Confissões*, esta pesquisa visa verificar os efeitos da teologia de Agostinho relacionados à saúde mental por meio de um modelo de escrita narrativa empírica, que é interdisciplinar em seu conceito, fomenta a construção de sentido para gerar histórias redentoras e que posteriormente poderão ser avaliadas em seus resultados de saúde.

Ao longo dos últimos anos, alunos de pós-graduação em teologia do Seminário Teológico Servo de Cristo em São Paulo (Brasil) escreveram suas teografias pessoais tendo como modelo as *Confissões*, recontando uma fase da vida particularmente difícil ou um evento estressante da vida. Na sequência de cursos sobre a visão terapêutica das *Confissões* de Agostinho, essas dezenas de alunos reconheceram nesta obra uma referência para recontar suas próprias histórias pessoais, uma jornada existencial ou experiência

3 O projeto de pesquisa conta com o prêmio de pesquisa (research prize) Lamin Sanneh do Overseas Ministry Study Center (OMSC), instituto vinculado ao Princeton Theological Seminary. <https://omsc.ptsem.edu/what-we-do/lamin-sanneh-research-prizes/2021-23-awardees/>

pessoal estressante em uma teografia. A forma tem sido, como Agostinho propôs, uma oração eu-tu ao seu doutor divino, em que biografias pessoais de fragmentação e perda foram transpassadas pela linguagem poética dos salmos e pela teologia agostiniana da graça.

Esse material rico em significado e reelaborador da narrativa pessoal convenceu-me que esses alunos não apenas foram capazes de ouvir o coração de Agostinho como ele mesmo desejava (*Conf.* 10.3.4), mas as teografias contemporâneas aumentaram a percepção de estar sob o cuidado benevolente de Deus e promoveram vulnerabilidade, gratidão e humildade. A memória ferida, quando transpassada pela flecha da graça e posta no papel, narra uma existência vulnerável com Deus com efeitos reorientadores. Ao recontar experiências dolorosas à luz da confissão de *laudis* e *peccati* (louvor à graça e reconhecimento de pecado e vulnerabilidade), a vivência da confissão como terapia revitaliza existencialmente o insight paulino, “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Romanos 5:20).

Dado que a cultura ocidental contemporânea flerta com o individualismo e o narcisismo, muitas vezes os líderes cristãos desenvolveram suas habilidades antes de seu caráter e virtudes. Essas teografias têm constituído um antídoto contra visões de liderança que não são moldadas por uma profunda consciência de graça e humildade. A partir da *cura animarum* agostiniana e a sua integração de sabedoria humilde na vida prática, a formação teológica que é reforçada por uma consciência de graça na história de vida poderá resultar em uma formação espiritual que gerará uma perspectiva pastoral com uma vivência experiencial da graça que rejeita o narcisismo e fomenta relacionalidade.

Conclusão

Confessiones expressa como um teólogo da antiguidade tardia, Agostinho de Hipona, validou o ideal filosófico helenístico de *therapeia* e se apropriou dele dentro da tradição cristã, ao confessar a Deus seu médico para receber o *medicamentum* por sua doença. Embora *Confissões* trate Deus como o médico da vida interior e pretenda estimular a saúde em seus leitores, é surpreendente que a interação entre psicologia e teologia na recepção das *Confissões* de Agostinho tenham se limitado no século XX a visões de mundo alheias ao mundo do texto e da antiguidade tardia, e, portanto, restritos na sua compreensão histórica. Consequentemente, o campo de estudos entre Agostinho e terapia falhou no diálogo interdisciplinar que respeita as fronteiras, limitações e possibilidades metodológicas.

Entretanto, o subcampo de estudos Agostinianos e terapia no século XXI vivencia um contexto mais propício para trabalhos metodologicamente consistentes e originais que avancem o diálogo interdisciplinar. As condições para estas iniciativas baseiam-se em um tripé: primeiramente, é significativo o retorno a uma compreensão histórica de terapia filosófica como um modo de vida e a contribuição de Agostinho na reapropriação teológica da visão filosófica. Nas últimas duas décadas, esta concepção foi ressaltada através de trabalhos já citados anteriormente, como o de Pierre Hadot (2002), Brachtendorf (2008), Kolbet (2010) e Boone (2016). Em segundo lugar, um reposicionamento do diálogo psicologia-teologia na recepção de Agostinho. Reconhecendo que a inadequação de leituras interpretativas excessivamente psicanalíticas e psicoterapêuticas, destaca-se o mandato de abandonar a psicopatologização de personagens antigos. Como essas interpretações se demonstraram insuficientes, convoca-se uma leitura colaborativa,

que tome a psicologia e a teologia como parceiras com vozes válidas para serem ouvidas. Uma leitura e escuta atenta a perspectivas complementares, na qual ambas as vozes são percebidas, parece fazer mais justiça àquele ouvido amigo que o próprio Agostinho pedia aos seus leitores. Em terceiro lugar, um avanço metodológico é possível através da reorientação a uma perspectiva narrativa tanto na psicologia, filosofia e na teologia, com possíveis verificações da escrita narrativa com metodologia empírica, como no avanço do campo de estudos em Religion, Spirituality and Health, RSH.

Como primeiro passo metodológico, é necessário situar Agostinho e suas *Confissões* no seu contexto histórico, particularmente atento à perspectiva agostiniana de adaptação da filosofia como um caminho de vida teológico-existencial. Johannes Brachtendorf (2008) convincentemente argumentou que Agostinho se situa dentro do contexto da readaptação da filosofia antiga e que o manifesto das *Confissões* faz sentido assim como um caminho de vida em um percurso existencial e terapêutico. A atitude existencial implica uma representação do mundo expressa em um discurso. A linguagem de Agostinho, sua *confessio*, discurso de um retórico orgulhoso que se converteu à humildade, não é um fim em si mesmo, mas está a serviço de um modo de vida de rendição, vulnerabilidade e gratidão ao tratamento que recebeu do *Christus Medicus*. *Confessio* é, em certo sentido, uma consequência do renovado senso de si mesmo, da linguagem que manifesta uma nova realidade existencial, um manifesto do coração transformado de Agostinho. Seu novo modo de vida interior procurou reproduzir um movimento semelhante em seus leitores, alimentando a esperança e não permitindo que caíssem no desespero.

É de fundamental importância reconhecer *Confissões* não somente como uma obra cheia de conceitos para ser dissecada ou uma visão intelectual-acadêmica para ser compreendida, mas como um convite a um percurso a uma teologia vivida, um caminho existencial. Uma jornada de escrita narrativa que faz da teologia prática um caminho de transformação da vida interior está evidentemente mais próximo da visão original que o próprio Agostinho tinha para os leitores das *Confissões*. Se move, portanto, a partir de uma *cardio*-inteligência e não somente a partir de um assentimento intelectual. Consequentemente, uma implicação é o deslocamento do método teológico. O movimento se afasta de uma mentalidade sistemática cartesiana e se volta para a reelaboração da experiência pessoal a partir de uma relação eu-tu em forma de interlocução e interpelação em modo narrativo. Agostinho nos lembra que no cerne de toda boa teologia está não apenas uma visão intelectual plausível, mas, fundamentalmente, um relato convincente de um modo de vida que se torna linguagem relacional a partir de uma caminhada comunitária.

Em segundo lugar, como as leituras psicológicas das *Confissões* tendem a interpretar mal o texto, não fazendo justiça aos propósitos do próprio Agostinho como escritor, impondo-lhe conceitos psicológicos alheios para sustentar sua própria teoria, novas leituras são necessárias em um movimento de afastamento de tal posição. A tarefa de ouvir textos antigos complexos, como as *Confissões*, exige atenção e humildade, além de uma cuidadosa pesquisa histórica, elementos que as leituras psicológicas tendem a ignorar. Na busca de encontrar a doença teórica “adequada”, Agostinho torna-se um paciente sem vida dissecado pela psicopatologia. Tal equívoco exige uma postura que evite conceituações rápidas e interpretações anacrônicas, pois busca ressoar a própria voz de Agostinho. Tal substituição gera as condições necessárias para compreender a perspectiva relacional de Agostinho. Jamais dominaremos seu pensamento e suas obras, mas numa atitude de escuta atenta, podemos ser dominados pela mesma humildade metodológica que levou as *Confissões* a serem escritas.

No decorrer de sua longa história, o campo dos estudos agostinianos se beneficiou mais das leituras filosóficas e teológicas das *Confissões* do que das psicológicas. A contribuição de Agostinho para a psicologia ainda é uma busca subdesenvolvida no mundo centenário dos estudos agostinianos. Essa lacuna sugere que o caminho da leitura de *Confissões* pode ser mais inteiramente realizado em parceria com a psicologia, fomentando a fertilização cruzada e o diálogo generoso. Também é importante ler *Confissões* apropriadamente em uma perspectiva psicológica, pois adiciona profundidade às interpretações filosóficas, teológicas e bíblicas já estabelecidas das *Confissões*. As leituras psicológicas não devem substituir outras, mas complementar, cruzar e aprofundar pontos de vista anteriores.

Apesar das inadequações epistemológicas e metodológicas de leituras psicologizantes, ler *Confissões* em parceria com a psicologia contemporânea, permitindo a fertilização cruzada, é uma tarefa válida e necessária. Tal tarefa estabelece um movimento bidirecional que fortalece uma compreensão dialogal entre teologia e psicologia. Em vez de rivais, enquanto as fronteiras entre essas disciplinas permanecem, a teologia e a psicologia podem ser colocadas como aliadas para fornecer insights e reconstruir uma descrição mais completa do florescer humano em perspectiva relacional. Há de se ressaltar, contudo, que uma obra complexa como *Confissões* necessita ser compreendida a partir de uma epistemologia Agostiniana, buscando compreender a intenção original do autor, com o seu significado inserido na cultura, filosofia e teologia cristã da antiguidade tardia, considerando os receptores da obra e sua audiência em seu contexto histórico.

Não é preciso partir de conceitos psicológicos estrangeiros para explicar *Confissões*, pois uma rica perspectiva psicológica já está em ação desde o início, proposta pelo próprio escritor, à espera de ser colhida por seus leitores. Em primeiro lugar, não precisamos olhar para o Complexo de Édipo ou importar o conceito de narcisismo em perspectiva Freudiana para entender *Confissões* psicologicamente. *Confissões* é uma obra-prima rica e repleta de temas psicológicos a serem explorados, como o autoconhecimento, os afetos, a memória, a construção de significados, a busca da felicidade. Como sugere Marina Massimi, o pensamento de Agostinho tem sido retomado por diversos autores contemporâneos com interesses psicológicos justamente pela importância das *Confissões* no que diz respeito à conceituação da subjetividade.

Em terceiro lugar (3), recuperar *Confissões* como referência para narrativas de si é reapropriar-se de uma tradição narrativa teológica que atravessa os séculos. Nas últimas décadas, pesquisas sobre a importância de narrativas abundam na psicologia, filosofia e teologia, assim como os estudos que pesquisaram os efeitos da espiritualidade sobre a saúde. Todavia, é notável a ausência de estudos sistemáticos sobre os efeitos de saúde e terapia que a teologia de Agostinho e a narrativa das *Confissões* podem gerar em seus leitores. A esta perspectiva teológica nunca foi acrescentada uma metodologia empírica. As conexões para novos estudos agostinianos que tenham natureza interdisciplinar estão maduras quando se considera que as pesquisas sobre Religião, Espiritualidade e Saúde (RSH) estabeleceram cientificamente e empiricamente a conexão entre espiritualidade e saúde mental.

Através do projeto *Teografia como Cura animarum: Confissões de Agostinho como construção de sentido narrativo para saúde mental*, as teografias, escritas de si em perspectiva teológica inspiradas pelas *Confissões*, tem evidenciado ser possível responder contemporaneamente à proposta terapêutica de Agostinho. Elas expressam as partes difíceis da vida por meio da escrita narrativa de seus eventos de vida, tecendo a biografia em significado teológico. De particular importância é a conexão intrínseca entre construir sentido e formar narrativas, pois as histórias configuram eventos dispersos em um todo coerente, uma construção narrativa

de significado e integração narrativa de eventos de vida. As narrativas de vida estruturam a reinterpretação da experiência, organizam a memória e reavaliam eventos negativos e angustiantes. Reescrever a narrativa de alguém se alinha terapeuticamente com o que Agostinho havia intuído (*Retract.* 2.6.1), que a escrita é uma técnica poderosa para reconstruir um evento de vida estressante ou traumático.

Referências Bibliográficas

- Agostinho, S. (1984). *Confissões (Conf)*. (M. L. J. Amarante, Trad.). São Paulo: Paulus.
- Agostinho, S. (1998). *Soliloquios e a vida feliz (Sol)*. (N. Oliveira, Trad.). São Paulo: Paulus.
- Agostinho, S. (2019). *Retratações (Retrac)*. (Agostinho Belmonte, Trad.). São Paulo: Paulus.
- Archembault, P. (1990). "Augustine's Confessions: On the Uses and the Limits of Psychobiography". Em *Collectanea Augustiniana: Mélanges T. J. Van Bavel*, Bernard Bruning, Mathijs Lamberigts & Jozef Van Houtem (Eds.). Heverlee: Augustinian Historical Institute.
- Boone, M. (2016). *The Conversion and Therapy of Desire: Augustine's Theology of Desire in the Cassiciacum Dialogues*. Eugene: Pickwick. <https://doi.org/10.2307/j.ctvz0hbsp>
- Brachtendorf, J. (2008). *Confissões de Agostinho*. São Paulo: Loyola.
- Bruner, J. (2004). "Life as Narrative". *Social Research* 71, no. 3: 691-710. <https://doi.org/10.1353/sor.2004.0045>
- Clark, G. (1993). *Augustine: The Confessions*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dixon, S. L. (2013). "Teaching Freud and interpreting Augustine's Confessions". Em *Augustine and Psychology*, Sandra Lee Dixon, John Doody & Kim Paffenroth (Eds.). Lanham: Lexington Books.
- Dupont, A. Walraet, P. (2015), "Augustine on the Heart as the Centre of Human Happiness". *Studies in Spirituality*, 25: 45-77.
- Fredriksen, P. (1978). "Augustine and his Analysts: The Possibility of a Psychohistory". *Soundings* 61, 206-227.
- Freud, S. (2012). *The Future of an Illusion*. (T. Dufresne, trad.). Peterborough: Broadview.
- Giussani, L. (2009). *O senso religioso*. (P. Oliveira, trad.). Brasília: Universa.
- Hadot, P. *What is Ancient Philosophy?* Cambridge: Harvard University Press, 2002.
- Hartog, I., Scherer-Rath, M., Kruizinga, R. (2020). "Narrative Meaning Making and Integration: Toward a Better Understanding of the Way Falling Ill Influences Quality of Life". *Journal of Health Psychology* 25, no. 6: 738-54. <https://doi.org/10.1177/1359105317731823>
- Kligerman, C. (1957). "A Psychoanalytic Study of the Confessions of St. Augustine". *Journal of the American Psychoanalytic Association* 5, no. 3, 469-484. <https://doi.org/10.1177/000306515700500306>
- Koenig, H. (2001). *Handbook of Religion and Health: a Century of Research Reviewed*. Oxford, Oxford University Press.
- Kolbet, P. (2010). *Augustine and the Cure of Souls: Revising a Classical Ideal*. Notre Dame: University of Notre Dame Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctvpj7fdq>
- Mahfoud, M. (2012). *Experiência Elementar em Psicologia: aprendendo a reconhecer*. Brasília, Universa.

- Massimi, M. (2013). "Narrativa autobiográfica e experiência subjetiva, segundo Agostinho e seus intérpretes contemporâneos". *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, no. 25, 38-51.
- Pargament, K. (1997). *The Psychology of Religion and Coping: Theory, Research, Practice*. New York: Guilford.
- Park, C. (2007). "Religiousness/Spirituality and Health: A Meaning Systems Perspective". *Journal of Behavioral Medicine* 30, no. 4: 319-28. <https://doi.org/10.1007/s10865-007-9111-x>
- Park, C. (2010). "Making Sense of the Meaning Literature". *Psychological Bulletin* 136, no. 2: 257-301. <https://doi.org/10.1037/a0018301>
- Pennebaker, J. (1993). "Putting Stress into Words: Health, Linguistic, and Therapeutic Implications". *Behaviour Research and Therapy* 31, no. 6: 539-48. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(93\)90105-4](https://doi.org/10.1016/0005-7967(93)90105-4)
- Pennebaker, J., & Chung, C. (2011). Expressive writing and its links to mental and physical health. Em H. Friedman (Ed.) *Oxford handbook of health psychology*, 417-437. New York: Oxford University Press.
- Petrini, G. (2012). Prefácio de *Experiência Elementar em Psicologia: aprendendo a reconhecer*, Miguel Mahfoud, 15-27. Brasília, Universa.
- Pieretti, A. (1998). "Doctrina antropológica agustiniana". Em *El pensamiento de San Agustín para el hombre de hoy: la filosofía agustiniana*, José Oroz Reta & José Galindo (Eds.), vol. 1, 329-404. Valencia: EDICEP.
- Ricoeur, P. (1984). *Time and Narrative*. (Vol. I), (K. McLaughlin and D. Pellauer, Trad.). Chicago: University of Chicago Press.
- Reinhold, M., Bürkner, P., and Holling, H., (2018). "Effects of Expressive Writing on Depressive Symptoms-A Meta-analysis." *Clinical Psychology* 25, no. 1: E12224. <https://doi.org/10.1111/cpsp.12224>
- Scherer-Rath, M. (2014). "Narrative reconstruction as creative contingency." Em Ganzevoort, R., (ed.) *Religious Stories We Live By: Narrative Approaches in Theology and Religious Studies*, 131-142. Leiden: Brill. https://doi.org/10.1163/9789004264069_011
- Sloan, M. and Marx, B. (2018). "Maximizing Outcomes Associated with Expressive Writing". *Clinical Psychology* 25, no. 1: E12231. <https://doi.org/10.1111/cpsp.12231>
- Turner, P. (2013). "Autobiography and autobiographical writing". Em Pollmann, K., Otten, W. (Eds.) *The Oxford Guide to the Historical Reception of Augustine*, 603-604. Oxford: Oxford University Press.
- Vessey, M. (Ed.). (2012). *A Companion to Augustine*. Blackwell Companions to the Ancient World. Chichester: Wiley-Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781118255483>